

NA TRILHA DOS BANDEIRANTES: RETROFLEXÃO NO DIALETO CAIPIRA

Fernanda Estácio da Silva*
Mário de Fátima Galiasse*
Carlos Wicher Neto*
Paulo Tiago Muliterno*
Thiago Brasil de Aquino*

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir o fenômeno da realização retroflexa do fonema /r/ no dialeto caipira da região que circunda a trilha dos bandeirantes.

Palavras-chave: filologia bandeirante, retroflexão, caipira.

1. INTRODUÇÃO

Uma das descobertas estratégicas no desenvolvimento da fonologia é o fato de que dentro de cada língua há grupos de sons que, embora diferentes, são considerados variantes de um mesmo fonema.

O fonema /r/ no português falado do Brasil apresenta um alto grau de polimorfismo, ou seja, uma grande variedade de realizações. As variantes do /r/ são determinadas, segundo diversas obras lingüísticas, pela pronúncia característica de certos fonemas em um dialeto, além de certos aspectos da sintaxe, morfologia e léxico específicos de uma região do Brasil. O fator fonético demonstrou-se essencial na apreensão do /r/ descrito por Amaral (1920) como “/

* Universidade de São Paulo (Graduação).

r/ caipira”, visto como diferente do pronunciado na capital paulista, razão pela qual o focalizamos no presente trabalho.

É justamente esse aspecto do falar caipira que será tratado, contudo concentrado na região de Taubaté, representada pelas cadeias de fala de dois informantes cujas entrevistas integram o *corpus* do Projeto Filologia Bandeirante.

As realizações fônicas analisadas retratam os falares registrados em entrevista realizada em 1998 por Lia Carolina Alves Prado Mariotto, Marilza de Oliveira e Evelize Paulis. Os informantes têm idade de 63 anos e 72 anos, ambos sem escolaridade. O recorte deste trabalho prevê a focalização do /r/ em início e final de sílaba.

2. ORIGEM DO /R/ RETROFLEXO

Antes de qualquer análise mais profunda ou qualquer teoria, faz-se mister apresentar aqui as origens do chamado “/r/ caipira”, o /r/ retroflexo, bem como suas características, provenientes da descrição preliminar de Amaral.

Há diversas hipóteses para o surgimento da manifestação retroflexa do /r/, em especial com relação a outras línguas. Há também teorias que remetem a uma explanação geográfica ou mesmo social. Vamos nos deter nas influências sofridas pelo português no território brasileiro.

Os indígenas que habitavam o Brasil à época dos colonizadores não pronunciavam o /r/ forte ou vibrante (o RR e o /r/ de paulistanos, respectivamente), e a interação entre as duas raças produziu um bilingüismo luso-tupi, conhecido como “língua geral”, amplamente falado em São Paulo até o fim do séc. XVII. Tal língua detinha uma base provinda do tronco comum chamado Tupi (ALMEIDA, 2001, p. 24), que começou a apresentar retroflexidade pós-vocálica. Essa influência sobre a língua dos colonizadores foi acentuada pelas línguas africanas dos escravos, que também trouxeram algumas características do dialeto “caipira”.

Por serem consoantes líquidas (isto é, sonantes não-nasais), os contextos em que o /l/ velarizado e o /r/ retroflexo aparecem são os mesmos – geralmente em final de sílaba interna ou de palavra. As articulações que produzem o /r/ têm efeitos acústicos similares ao do /l/ velar, “ambas produzem um aumento na cavidade interior, o que provoca um abaixamento da zona de freqüências que corresponde a essa cavidade” (HEAD, 1987, p. 16). Além disso, há processos comuns ao /r/ e ao /l/ (vocalização, queda e alternância), que, associados às semelhanças fônicas, explicam a origem do “r caipira” como sendo resultado de um processo de variação e mudança que abrange as consoantes líquidas apicais (ou anteriores).

Contudo, apesar de todas essas hipóteses serem coerentes, sofrem de diversas falhas, sendo algumas delas a falta de estudos comparativos de base fonética, tão importantes para que se conheçam as relações de semelhança e de dissemelhança entre sistemas (HEAD, 1987) ou a identificação dos mecanismos de seleção seletiva.

3. O /R/ RETROFLEXO EM FINAL DE SÍLABA

O alto grau de polimorfismo do fonema /r/ no português falado no Brasil gera uma grande quantidade de variantes, sendo essa uma peculiaridade desse fonema, já que nenhuma outra consoante apresenta tamanha gama de realizações fônicas. Uma das explicações para tal fato pode ser dada com base na teoria de dispersão, de Lindlbom (1963). Segundo essa teoria, fonemas com grande espaço articulatório para as realizações fônicas abarcariam uma gama de variantes. Nesse sentido, a interferência de um eixo vertical (grau de abertura), que pode resultar no /r/ vibrante ou fricativo, por exemplo, e de um eixo longitudinal (área de articulação), que apresenta realizações alveolar/velar/aspírada, por exemplo, seriam condicionadores dessa profusão sonora.

Para o fenômeno em questão, como parte do dialeto “caipira”, não há teorias satisfatórias para explicar com exatidão o por-

quê de suas ocorrências. Ao caráter retroflexo do /r/, caráter mais distintivo, já foram atribuídas diversas possibilidades de origem, bem como diferentes realizações na mesma área ou no mesmo contexto. O que se pode perceber é que o fenômeno depende dos falantes e do contexto, podendo variar sem padrão nenhum, colocando por terra quaisquer teorias que tentem precisá-los.

4. O /R/ RETROFLEXO EM INÍCIO DE SÍLABA

Após a constatação da existência do /r/ retroflexo em início de sílaba no discurso de Teresinha de Souza, os dados foram separados e submetidos a tratamento estatístico por meio de alguns programas do pacote Varbrul, *Variable Rules*, a partir do que foi evidenciado que o /r/ mais recorrente é aquele pós-tônico precedido por oclusiva *ta, te, ti*.

Embora os estudos do /r/ retroflexo em início de sílaba sejam escassos, é interessante comentar certas obras que, se não esclarecem o /r/ nessa posição atípica, ao menos auxiliam a observação desse fenômeno.

Nogueira (1941), analisando o português europeu, discute a questão do princípio da inércia que consiste na tendência de não-modificação brusca da posição dos órgãos de fala. Isso poderia explicar a palatalização do /r/ em determinados discursos da falante. Entretanto, contrariando esse princípio, a falante pronuncia o /r/ retroflexo depois de uma linguo-dental e de oclusivas. Dessa forma, a teoria não esclarece a existência do /r/ retroflexo em início de sílaba ou mesmo de palavra sucedendo uma pausa.

Ferreira Netto (2001, p. 99-100), tratando do português brasileiro, identifica e classifica quatro variantes do fonema /r/, realizadas nos municípios de Águas de Santa Bárbara, Taubaté, Rio de Janeiro e São Paulo. Dessas regiões, Taubaté apresenta um /r/ retroflexo em início de sílaba, o que caracteriza esse dialeto atípico do português do Brasil. Comentando a possível origem desse tipo

de /r/ na língua portuguesa, Ferreira Netto argumenta sobre a presença desse fonema em sílabas complexas do latim, tal como ocorre em *latrone* > ladrão. Seu estudo demonstra também que o fonema /r/ brando não ocorre em início de sílaba nessa região, o que é importante ao se considerar a proximidade fonética do /r/ forte e do /r/ retroflexo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para elaborar o trabalho referente ao /r/ em posição final de sílaba, tivemos uma dificuldade inicial para compreender a gravação e distinguir os níveis de retroflexão na fala. Os estudos nessa área são vastos, mas se preocupam, em sua maioria, em analisar e levantar os fatos estudados. Porém, é difícil chegar a uma conclusão plausível que explique o porquê do fenômeno ocorrido.

Na entrevista do falante de 73 anos, percebemos que o dialeto "caipira", alvo da análise, apresenta exemplos que confirmam algumas das teorias sobre a retroflexão. Foram levados em consideração como critérios de análise a vogal anterior ao fenômeno, a tonicidade da sílaba em que ele se manifesta e a posição da mesma dentro da palavra.

Analisando o caráter retroflexo do /r/ pós-vocálico ao final de sílabas internas e palavras, sendo este o mais perceptível e, conseqüentemente, o mais "característico" do dialeto do falante, podemos notar abundância de realizações que nos permitem tirar algumas conclusões. É de conhecimento geral que certas regiões estigmatizadas como "caipiras" apresentam tal realização como sendo o padrão, em variados graus de intensidade (alta na fala do entrevistado, mesmo que não nos contextos estudados).

Tomando o primeiro critério da análise, o da vogal anterior, há um predomínio do /a/ e do /o/, havendo também ocorrências com /u/, /e/ e /i/, todos em menor incidência. Apesar de não haver exemplos de palavras com /u/ e /o/, é possível afirmar, por meio de

exemplos pessoais e hipóteses, que o /r/ retroflexo se manifesta após tais vogais (por exemplo, “pior” ou “último”, ocorrendo neste último também rotacismo).

No caso da posição da sílaba dentro da palavra, os dados obtidos nos levam a crer que a realização do /r/ retroflexo não depende da posição silábica, podendo aparecer independentemente de sua posição interna (início, meio ou fim), ou mesmo em qualquer monossílabo terminado em R.

Por fim, quando observada a tonicidade das sílabas em que a realização é notada, observamos o predomínio quase absoluto em sílabas tônicas. Há, ainda, exemplos do fenômeno em sílabas pré-tônicas. Não ocorreram, por outro lado, exemplos de /r/ retroflexo em sílabas pós-tônicas, o que não nos impede de afirmar que tal ocorrência seja plenamente possível (considere-se, por exemplo, a palavra *caráter*).

A partir dos dados da amostra da falante de 63 anos de idade, observou-se que o /r/ inicial e retroflexo não pode ser explicado por apenas uma hipótese, dada sua natureza múltipla mesmo quando inicial. No início da palavra, a realização retroflexa é justificada, talvez, pela necessidade do uso de uma consoante forte e o processo de palatalização. Quando precedido pelo fonema /t/ nas sílabas *te*, *ti* sua retroflexão possivelmente é motivada pelo fato de que o fenômeno da palatalização geralmente ocorre, no caso das vogais, ao se passar de uma alveolar para uma apical. Isso, no entanto, não explica a sílaba *ta*, em que a língua está em repouso e repentinamente curva-se para trás em um movimento retroflexo. Já em contexto anterior com as sílabas *me*, *ne*, *mó* e *mo* não se encontrou nenhuma explicação nos teóricos estudados. Assim, parece que o /r/ retroflexo ainda é um ponto obscuro da fonética e fonologia do português.

Dessa forma, levantam-se hipóteses que demonstram quão pouco foi tratado do assunto e que direções pode-se tomar ao tentar explicar esse fenômeno:

1. No discurso da falante de 63 anos, o /r/ retroflexo, característico do falar caipira, apresenta-se em contexto inicial de síla-

ba, sobretudo em um contexto fonético específico, precedido por oclusivas em posição pós-tônica e quando essa sílaba está no final da palavra.

2. Embora se possa afirmar que a alofonia de /r/ pós-vocálico e pós-consonantal seja uma variante livre, ainda não há estudos sobre o /r/ pré-consonantal. Conforme se analisou, porém, pode-se dizer que o contexto fonético facilita (não necessariamente determina) a presença da retroflexão.
3. A recorrência do /r/ retroflexo inicial é caracterizada pela presença de fonemas que exijam a passagem contínua do ar; o que talvez explicaria o movimento de retração da língua, já que o falante necessitaria permanecer ainda mais tempo com a língua abaixada para produzir um /r/ brando. Isso, no entanto, contraria a lei da inércia proposta por Nogueira (1941), pois o falante deveria permanecer naturalmente mais tempo com os órgãos da fala na mesma posição.
4. Estando o falante já habituado a utilizar o /r/ retroflexo em outros contextos fonéticos, acabaria por assimilá-lo também nas situações acima descritas.
5. A passagem do ar, porém, não explicaria a presença do /r/ retroflexo no início da palavra, precedido, portanto, por uma pausa, o que, talvez, se justifique pelo fato acima descrito do uso indiscriminado do retroflexo como parte integrante do dialeto caipira; ou a teoria de Ferreira Netto (2000) que defende exigir o início da palavra um /r/ forte que poderia facilmente ser transformado em retroflexo pelo processo de palatalização.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. M. S. *Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*. São Paulo, 2000. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Editora O livro, 1920.

- SILVA, Fernanda E. da; GALIASSE, Maria de Fátima; WICHER NETO, Carlos; MULITERNO, Paulo T.; AQUINO, Thiago B. de. Na trilha dos bandeirantes: retroflexão no dialeto caipira.
- BAGNO, M. Um problema sem a menor graça. In: *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 1997.
- BÓLEO, M. P. *Brasileirismos* (Problemas de método). Coimbra: Limitada, 1943.
- CÂMARA JR., J. M. As vogais e as consoantes portuguesas. In: *Estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- FERREIRA NETTO, W. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.
- HEAD, B. F. Propriedades fonéticas e generalidade de processos fonológicos: o caso do "R Caipira". *Cadernos de Estudos Linguísticos* 13. Campinas: Editora da Unicamp, 1987.
- KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado – Volume VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp.
- MAIA, E. M. *No reino da fala: a linguagem e seus sons*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- NOGUEIRA, R. S. *Tentativa de explicação dos fenômenos fonéticos em português*. Lisboa: Livraria Clássica, 1941.
- SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6. ed. (rev.). São Paulo: Contexto, 2002.

ABSTRACT: The present paper is focused on discussing the realization of the phoneme /r/ on the backwoods speech, aiming at the region of the 'Bandeirantes' Trail.

Keywords: bandeirante philology, backwoods retroflexion, caipira Portuguese.